



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

DEISE LUCI SILVA CUNHA

**A PROJEÇÃO DA ALTERIDADE NO IMAGINÁRIO SOCIAL PÓS-COLONIAL DO
OCIDENTE – A RELAÇÃO ENTRE O 'ESTRANHO' E O 'FAMILIAR' NO CONTO
“A MENOR MULHER DO MUNDO”, DE CLARICE LISPECTOR**

**Campina Grande – PB
2014**

DEISE LUCI SILVA CUNHA

**A PROJEÇÃO DA ALTERIDADE NO IMAGINÁRIO SOCIAL PÓS-COLONIAL DO
OCIDENTE – A RELAÇÃO ENTRE O 'ESTRANHO' E O 'FAMILIAR' NO CONTO
“A MENOR MULHER DO MUNDO”, DE CLARICE LISPECTOR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em "Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares" da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Soares

**Campina Grande – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C972p Cunha, Deise Luci Silva

A projeção da alteridade no imaginário social pós-colonial do Ocidente - a relação entre o 'estranho' e o 'familiar' no conto [manuscrito] / Deise Luci Silva Cunha. - 2014.
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares, Letras".

1.Literatura. 2.Alteridade. 3.Psicanálise. 4.Colonização I.
Título.

21. ed. CDD 869.93

DEISE LUCI SILVA CUNHA

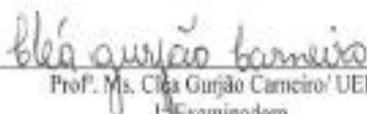
A PROJEÇÃO DA ALTERIDADE NO IMAGINÁRIO SOCIAL PÓS-
COLONIAL DO OCIDENTE – A RELAÇÃO ENTRE O 'ESTRANHO' E O
'FAMILIAR' NO CONTO "A MENOR MULHER DO MUNDO", DE CLARICE
LISPECTOR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em "Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares" da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

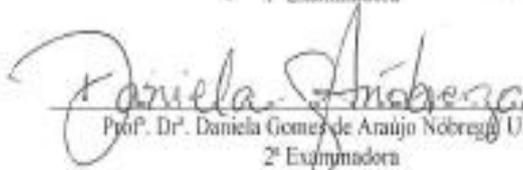
Aprovada em 06/12/2014.



Prof. Dr. Ricardo Soares / UEPB
Orientador



Prof. Ms. Cláudia Guirão Carneiro / UEPB
1ª Examinadora



Prof. Drª. Daniela Gomes de Araújo Nobrega / UEPB
2ª Examinadora

Campina Grande – PB
Dez. / 2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Maria Dalva e ao meu noivo Júnior.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida, pela saúde e por me dar forças para superar todas as adversidades.

À minha família, em especial ao meu noivo Júnior, pelo apoio, carinho, incentivo e compreensão.

Ao meu orientador, Ricardo Soares que ao longo desses meses sempre esteve presente e atencioso às minhas dúvidas.

Às amigas pela compreensão e pelo carinho de todas as horas.

“eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu” (Clarice Lispector, 1974, p.142).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o conto *A Menor Mulher do Mundo*, inserido no livro *Laços de Família* (1960), de Clarice Lispector, através do conceito de alteridade, do qual decorre a problematização dos conceitos-chave 'estranho' (*unheimlich*) e 'familiar' (*heimlich*), desenvolvidos por Sigmund Freud em seu artigo "O estranho", de 1919, mas antecipado no livro *Totem e Tabu*, publicado em 1913. No presente estudo, a relação 'estranho/familiar' é estruturante para se compreender a projeção do imaginário social pós-colonial sobre culturas diferentes e, portanto, estranhas às práticas reguladas e consolidadas pela hegemonia do Ocidente que tratam o diferente como objeto. Nesse conto, a “menor mulher” do título representa para o imaginário pós-colonial o diferente, o estranho devido à diversidade de seu tamanho, de sua cultura e de sua cor, características essas que despertam no imaginário do explorador francês, representante do familiar, a necessidade de revelar para a sociedade civilizada sua “descoberta”, utilizando da notícia jornalística para promover o encontro desses mundos que se opõem pela estranheza de suas singularidades, assim como fez Colombo ao relatar em cartas a descoberta do inóspito, do longínquo e do estranho na época da conquista e exploração da América, conforme expõe Todorov no livro *A conquista da América – a questão do outro* (1982). Dessa forma, percebemos nessa obra a possibilidade de diálogo que há entre os discursos do colonizador do século XV e XVI e o colonizador do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Alteridade. Psicanálise. Colonização.

ABSTRACT

Este trabajo tiene como objetivo analizar el cuento “La mujer más pequeña del mundo”, insertado en el libro *Lazos de familia* (1960), de Clarice Lispector, a través del concepto de alteridad, lo que implica el cuestionamiento de los conceptos-clave ‘extraño’ (*unheimlich*) y ‘familiar’ (*heimlich*), desarrollados por Sigmund Freud en su artículo “El extraño” de 1919, pero al principio del libro “Tóten y Tabú”, publicado en 1913. En este estudio, la relación ‘extraño/familiar’ es la estructuración para la comprensión de la proyección del imaginario social post-colonial sobre diferentes culturas y, por lo tanto, extrañas las prácticas reguladas y consolidadas por la hegemonía Occidental que tratan el diferente como objeto. En este cuento, la “mujer más pequeña” del título representa para el imaginario post-colonial lo diferente, lo extraño debido a la diversidad de su tamaño, de su cultura y su color, características están que despiertan en la imaginación del explorador francés, representante del familiar, la necesidad de revelar para la sociedad civilizada su “descubrimiento”, usando la noticia periodística para promover el contacto de estos mundos oponiéndose por la extrañeza de sus singularidades, como lo hizo Colombo al informar el descubrimiento en cartas el inhóspito, de lo lejano y extraño en la época de la conquista y exploración de América, como expone Todorov en el libro *La conquista de América-la cuestión del otro* (1982). De esta manera, nos damos cuenta en esta obra la posibilidad de diálogo que se encuentran en los discursos del colonizador del siglo XV y XVI y el colonizador del siglo XX.

PALABRAS-CLAVE: Literatura. Alteridad. Psicoanálisis. Colonización.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CLARICE LISPECTOR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	12
1.1 Discorrendo sobre a Peculiaridade de Clarice Lispector	12
2 ALTERIDADE, COLONIZAÇÃO E PSICANÁLISE	17
2.1 Alteridade: Algumas Contribuições Importantes	17
2.2 Alteridade no Processo de Colonização	19
2.3 Freud e a Alteridade	21
2.4 Teorizando o Estranho e o Familiar	23
3 ALTERIDADE EM <i>A MENOR MULHER DO MUNDO</i>	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

No âmbito da diversidade cultural, a concepção do 'diferente' se destaca, contudo percebemos que os sujeitos se apresentam indiferentes ao Outro e, dificilmente, os concebem como produtores sociais. Essa realidade, infelizmente, é inerente à maioria dos encontros entre culturas distintas, desde o processo de colonização nos séculos XV e XVI até os dias atuais, quando o encontro entre 'civilização ocidental' e 'o resto do mundo' é marcado por uma estranheza patente que resulta na redução do diferente às categorias existentes do imaginário ocidental, com farta evidência para a falta de diálogo e para o desejo de apropriação e inferiorização dos povos situados fora das práticas e, portanto, do próprio imaginário ocidental.

Na literatura, a reflexão sobre essa postura do sujeito é uma temática bastante recorrente, particularmente nas obras de Clarice Lispector, em que o 'estranhamento' das personagens estruturam diversos enredos, assim como percebemos nesse encontro entre o explorador francês, Marcel Pretre, simbolizando a cultura e a civilização, com Pequena Flor (a menor mulher do mundo), que simboliza o mundo primitivo, o pensamento imaturo e Outro que ainda não foi ocidentalizado.

Em *A Menor Mulher do Mundo*, conto inserido em *Laços de Família* (1960), Clarice enfatiza nas personagens um comportamento que representa com veemência o olhar de exclusão e marginalização que o mundo ocidental lança sobre a periferia, dada a estranheza dos hábitos, da aparência e, sobretudo, do modo de encarar a realidade, gerando, com isso, a relação abominável entre 'cultura superior' (Europa) e 'cultura inferior' (África).

Tal olhar comunga com o olhar dos colonizadores da época dos Descobrimentos e da exploração de terras distintas e, que apesar de vivermos, atualmente, em um contexto totalmente diferente do período das grandes navegações, evidenciado por Todorov (2003), no livro *A conquista das Américas – a questão do outro*, o sentimento de repulsa que as pessoas sentiam ao se depararem com algo que se contradizia àquilo que se denominava “normal”, só se fortaleceu com o passar dos anos.

Esse sentimento de aversão ao estrangeiro, ao Outro destacado também nas personagens de Clarice na obra *A menor mulher do mundo*, leva-nos a ressaltar em nosso estudo uma reflexão sobre a alteridade e a compreensão sobre o “estranho-familiar”. Dessa forma, apresentamos como objetivo de nosso trabalho analisar essa narrativa, a partir do conceito de alteridade do qual decorre a discussão sobre o “estranho-familiar” estudado por

Sigmund Freud, assim como relacionar a conquista e a exploração da América ao comportamento do “colonizador”, adotado na narrativa pelo personagem Marcel Pretre com relação à Pequena Flor, personagem da obra que representa a coletividade do mundo primitivo e colonizado.

Essa análise consiste em um estudo baseado nas contribuições que a concepção da alteridade oferece para a vida em sociedade, uma vez que seus estudos propagam o reconhecimento da distinção entre o Mesmo e o Outro – conceitos-chave para o entendimento da alteridade –, através da problematização das diferenças culturais. Logo, analisar a projeção da alteridade nos textos de Clarice Lispector é de grande valia, uma vez que os escritos claricianos sempre surpreendem por conseguir, de maneira intrigante e fascinante, dizer algo sobre a subjetividade, promovendo um denso e analítico processo de construção do sujeito.

Daí, percebemos a relevância de se trabalhar em sala de aula o conto *A menor mulher do mundo* por meio de uma perspectiva que ultrapasse os aspectos de tipologia textual ou até mesmo uma interpretação superficial da proposta da narrativa. Para a análise desse conto, faz-se necessária uma leitura mais reflexiva e aprofundada sobre o comportamento das personagens, com o propósito de desenvolver no aluno a consciência crítica e a capacidade de interpretar textos literários densos e introspectivos. Assim, esse trabalho apresenta como proposta uma análise literária do conto *A menor mulher do mundo* capaz de propiciar ao professor uma interpretação que questione temáticas como: aversão ao estranho, intolerância cultural e preconceito racial.

Diante do exposto, o presente estudo estrutura-se em três capítulos. O primeiro capítulo 'Clarice Lispector: Algumas Considerações' discorre sobre os aspectos pertinentes que fazem de Lispector uma autora intimista e introspectiva, mas nesse momento já apresentamos sua obra: “A menor mulher do mundo”.

No segundo capítulo, 'Alteridade, Colonização e Psicanálise', apresentamos algumas contribuições importantes sobre a concepção de alteridade, destacando os vieses filosófico, psicológico e antropológico sobre seu significado. Em seguida, evidenciamos a questão da alteridade no livro *A conquista das Américas – A questão do Outro* (2003) de Todorov, a fim de relacionarmos o comportamento do colonizador ocidental do século XV e XVI ao comportamento do explorador francês no século XX, presente na obra literária em análise. Ainda sobre esse capítulo, no subtópico 'Freud e a alteridade', destacamos a psicanálise como nossa principal base teórica, enfatizando os estudos de Sigmund Freud sobre a complexidade da alteridade e seu percurso psíquico, que evidencia um processo de encontro intersubjetivo entre o Eu e o Outro. E, por fim, teorizamos o estranho-familiar também nesse autor.

O último capítulo 'Alteridade em “A menor mulher do mundo”' trata da análise da obra, na qual interpretamos o comportamento das personagens, através dos estudos teorizados nos capítulos antecedentes, enfatizando o estágio primário da alteridade e a predominância da ignorância e do egoísmo que prevalece, quando espelham-se culturas radicalmente estranhas entre si.

Tomamos como fundamentação teórica os pressupostos de Freud (2011; 1919) em *O Mal-Estar da Civilização* e em *O Estranho*; de Matteo (2003), em *A Polissemia da Alteridade em Psicanálise*; de Magalhães (1997), em *A menor mulher do mundo a flor forjada*; de Todorov, (2003) em *A conquista da América – A questão do Outro*; de Sá (2000), em *A escritura de Clarice Lispector*.

1 CLARICE LISPECTOR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

1.1 Discorrendo sobre a Peculiaridade de Clarice Lispector

Escritora de caráter peculiar e inovador, Clarice Lispector despertou em estudiosos e leitores um fascínio sobre sua forma misteriosa e enigmática de escrever. Desde seu primeiro romance *Perto do coração selvagem* (1944), a autora provoca reações na crítica por apresentar uma forma de escrita transgressora, como é observada no artigo de Antônio Cândido, intitulado *No raiar de Clarice Lispector* (1970). Nesse artigo, o crítico destaca a intensidade da escrita de Clarice e ao mesmo tempo a rara capacidade da escritora de desvendar a “vida interior”, a natureza psicológica das personagens e o fato de não se resignar à “rotina literária” e fazer “da descoberta do cotidiano uma aventura possível”.

Ainda sobre esse assunto, Antônio Cândido (1981, p. 33) comenta que “uma obra literária é uma realidade autônoma”, cujo valor se encontra na fórmula que obteve para apresentar elementos não-literários referentes às impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos, caracterizando-se como obra prima de ação do autor.

Tais características são acentuadas na linguagem artística de Lispector, que relata em seus escritos conflitos existenciais deflagrados pela busca incessante da descoberta do “eu” e do “outro” como sujeitos, representando suas personagens através de uma linguagem que explicita o território limítrofe entre o consciente e o inconsciente.

Compreender a condição humana sempre foi consignaçoão do projeto estético da autora modernista, suas obras representam a realidade íntima das personagens, através do tratamento realizado com a linguagem e numa perspectiva de focalizaçoão mais introspectiva da narraçoão.

A necessidade de desvelar o mundo interior, os anseios, as angústias de suas personagens, fez da autora uma figura polêmica e alvo de muitas críticas. Porém, renomada e de grande prestígio entre os autores modernistas de sua geração (Terceira do Modernismo Brasileiro), recebeu da Crítica Literária o plano central do que se convencionou chamar de ficção de vanguarda brasileira.

A própria autora, em seu ensaio *Literatura de Vanguarda no Brasil* (LISPECTOR: 2005, p. 105-6), demonstra-se consciente desse título:

O nosso crescimento íntimo está forçando as comportas e reventará com as formas inúteis de ser ou de escrever. Estou chamando nosso

progressivo autoconhecimento de vanguarda. Estou chamando de vanguarda “pensarmos” a nossa língua. Nossa língua ainda não foi profundamente trabalhada pelo pensamento. “Pensar” a língua portuguesa no Brasil significa pensar sociologicamente, psicologicamente, filosoficamente, linguisticamente, sobre nós mesmos. Os resultados são e serão o que se chama de linguagem literária, isto é, linguagem que reflete e diz, com palavras que instantaneamente aludem a coisas que vivemos; numa linguagem real, numa linguagem que é fundo e forma, a palavra é na verdade um ideograma. É maravilhosamente difícil escrever em língua que ainda borbulha.

Segundo Marchezan e Pinho (2014, p. 292), ao se referir ao “progressivo autoconhecimento de vanguarda”, Clarice reconhece a escrita de vanguarda como, primeiramente, um novo meio para alcançar internamente um “eu”, suas maturações, modos de ver, de ser e de sentir, para que depois seus escritos sejam produzidos, ou seja, “primeiro dentro, depois fora”, o que concretiza uma autoanálise do sujeito que enseja uma linguagem literária.

Esse novo estilo de narrar vai de encontro aos romances da época, dividindo opiniões. Enquanto o crítico literário Álvaro Lins critica a falta de estrutura ficcional do primeiro romance da autora, afirmando que “Aqui estão pedaços de um grande romance, mas não o grande romance que a escritora, sem dúvida, poderá escrever mais tarde” (LINS, 1944, p.191), outros críticos, como, Antonio Candido (1988, p.56), elogiam a ousadia da escritora iniciante, afirmando que os escritos Claricianos consolidam-se como referência “à medida que a própria literatura brasileira se desprendia das suas matrizes mais contingentes, como o regionalismo, a obsessão imediata com os ‘problemas’ sociais e pessoais”.

No livro *A escritura de Clarice Lispector* (2000, p. 36-7), a escritora Olga de Sá comenta, na trilha de Antonio Candido, que a ficcionista é um dos poucos escritores brasileiros que reúne em seu acervo literário uma seriedade com o problema da linguagem. Ainda sobre esse assunto, a autora afirma:

Pretendendo traduzir o que existe de complexo e contraditório no mundo, a romancista tem de violentar a lógica da linguagem, fertilizar-lhe o despojamento, preencher-lhe o esquematismo.

Percebemos a importância da linguagem, da percepção e da sensação nas narrativas claricianas, que se sobrepõem à importância das ações de seus personagens, sobre seus livros, Lispector discorre, em *Clarice por ela mesma*, capítulo integrante dos *Cadernos* (NUNES, 2004, p.62) enunciando que:

Os meus livros não se preocupam com os fatos em si, porque para mim o importante não são os fatos em si, mas a repercussão dos fatos no indivíduo. Isso é que tem muita importância mesmo para mim. É o que eu faço. Acho que sob esse ponto de vista, eu também faço livros comprometidos com o homem e a realidade do homem, porque realidade não é um fenômeno puramente externo.

Com efeito, a autora sente e representa o mundo através de uma compreensão reflexiva da linguagem, complexa e introspectiva, trazendo para seus textos marcas do inconsciente, questionamentos existenciais assumindo, portanto, um modelo inovador que se refere à introspecção psicológica, ao fluxo de consciência e ao processo epifânico.

Os estudos de Sá configuram que a introspecção psicológica indica uma interiorização do universo mental da personagem na linguagem, de forma linear, com espaços determinados e marcadores nítidos, enquanto o fluxo de consciência indica uma quebra de limites espaço-temporais, que tornam a obra verossímil, de modo que presente e passado, realidade e desejo se misturam.

Já a epifania se revela num dado momento excepcional e convida a personagem a revisar a própria existência. Sá (1979, p.47) apresenta em seu texto a opinião de Massaud Moisés sobre o “instante existencial”, em que o crítico comenta que as personagens claricianas jogam seus destinos, evidenciando-se “por uma súbita revelação interior, que dura um segundo fugaz, como a iluminação instantânea de um farol nas trevas, e que, por isso mesmo, recusa ser apreendida pela palavra”.

Logo, a epifania é a compreensão repentina e fulminante que o sujeito experimenta de uma grande verdade acerca de si mesmo, da vida, do mundo e dos outros, mudando sua forma de ver o mundo.

No processo de escritura de Clarice, há também uma revalorização das palavras e da sua nova roupagem que explora os limites do significado, porque destaca os sentidos inscritos nas metáforas, bem como os sentidos sublimados entre os significantes, que se manifestam na apreensão lacunar e parcial do referente, que jamais capturará a realidade em sua totalidade, tampouco a verdade absoluta do próprio sujeito, demonstrando uma preocupação com o que está nas entrelinhas, no interdito, nas pausas e nas rasuras do inconsciente.

Ainda sobre a linguagem clariciano, Vilma Arêas (2005, p. 22) aponta o “feio” ou o “mau gosto” como plano estilístico que a escritora apresentava desde sua primeira obra *Perto do coração selvagem* (1944) e que manteve nas demais produções, assim “Clarice dava assim adeus à ingenuidade, banida na arte desde o início do modernismo”.

Tais características estão presentes nos romances, contos e crônicas, que compõem o acervo de obras da escritora que, imersa nos jogos da linguagem, apresenta diversas faces em seu trabalho ficcional. Uma dessas faces corresponde à categoria do “grotesco”, característica apontada pelo crítico Benedito Nunes (1995) ao referir-se às narrativas de *Laços de família* (1960), cujo destaque se dá aos “momentos de tensão conflitante”.

Laços de família é uma coletânea que reúne treze contos centrados tematicamente em contextos familiares que aprisionam os indivíduos pelos vínculos familiares. Segundo Olga de Sá (2000, p. 41), este livro recebeu do crítico Eduardo Portella saudação pelo seu experimentalismo da técnica narrativa, que o considerou uma realização “mais consumada”, cuja técnica empreendida do conto obedece claramente a uma “ordenação estrutural” que violenta as concepções e esquemas naturalistas, que lhe antecederam, acerca do gênero.

Nesse livro, o processo de epifania é evidente e, embora a crítica literária não relacione diretamente, Sá associa-a a literatura de James Joyce, particularmente à técnica empregada nos contos *Dublinenses* (1914), cuja

estrutura aberta, que incidentalmente se adapta ao fluxo da experiência, e a textura fechada, que dá expressão precisa à observação sensorial. As poucas coisas que acontecem fora das esperadas rotinas, unem forma e tema: a paralisada monotonia a que a cidade moderna reduz as vidas de seus habitantes (SÁ, 2000, p. 42).

É nessa perspectiva que os contos de *Laços de família* denunciam a realidade social e individual dos valores que norteiam os princípios das relações familiares, deflagram, pois a “precariedade” ética e afetiva da união familiar, a condição de solidão do homem na sociedade e a identificação do Outro como experiência da alteridade, ainda que através da identificação pela diferença, tais percepções são demonstradas através do inusitado que se instaura nos acontecimentos mais corriqueiros e triviais do cotidiano, nos momentos em que ocorreram as grandes epifanias.

A construção da identidade através da alteridade é um tema recorrente na obra comentada, principalmente no conto “A menor mulher do mundo”, porque coloca o outro no lugar da diferença, ainda que assimilada ao estranho¹. Porém, não podemos afirmar que a narrativa apresenta modelos consagrados e personagens idealizados, uma vez que o excluído é visto numa perspectiva ambígua, que o dignifica, denuncia e/ou reifica.

Segundo Pontieri (1999-2000, p. 330),

¹ Determinadas coisas que estão dentro do campo do amedrontador. (FREUD, 1919/1996, p.276)

a alteridade não é apenas recorrente na ficção de Clarice Lispector. É, também, o fio condutor que permite vincular entre si os romances, contos e crônicas que compõem o conjunto relativamente vasto de escrito da autora. Neles, de fato, desfila uma legião de seres que nossa cultura costuma designar como “outros”: tanto aqueles com quem cada indivíduo tece sua vida de relações afetivas, sobretudo no círculo familiar mais estreito; como aqueles sobre quem pesa a marca social da subalternidade, marginalidade ou exclusão: mulheres, animais, adolescentes, velhos, loucos, primitivos e pobres.

Esse olhar de Pontieri se confirma no enredo do conto e nas características das personagens nele retratadas, pois a voz narradora (em terceira pessoa) apresenta de forma onisciente uma realidade simbólica de tensão entre o “externo”, representado pelo continente europeu - civilizado, e o “interno” representado pelo continente africano - primitivo, sendo este enfatizado como Outro aquele espectro sobre o qual “pesa a marca social da subalternidade, da marginalidade e da exclusão”.

Esse conto narra o encontro entre um pesquisador branco, europeu e civilizado e uma pigmeia da tribo dos Likoualas (localizada no continente africano – Congo Central). Essa tribo é composta por pigmeus de uma pequenez surpreendente, que viviam na copa das árvores mais altas da floresta para não se tornarem alimentos dos Bantos, tribo também de pigmeus, porém não apresentavam tamanha pequenez.

Após “descobrir” Pequena Flor, o explorador Pretre divulga para a sociedade civilizada uma foto da pigmeia em um jornal que circula na cidade, no dia de domingo e, conseqüentemente, sua imagem passa a circular nos lares familiares da cidade do Rio de Janeiro.

No decorrer da narrativa é apresentado ao leitor o comportamento medíocre das famílias diante da peculiaridade de Pequena Flor que trazia como característica marcante o fato de medir quarenta e cinco centímetros, ser negra e pertencer à ordem primal, do caos, do estranho freudiano.

Tais características foram motivo de polêmica para essas famílias, porém no final do conto Pequena Flor permanecia “rindo”, em seu ambiente africano, recém-descoberta pelo explorador, que aliás, sentia-se angustiado e atrapalhado diante da pigmeia.

Como vemos, esse conto apresenta, através de uma perspectiva clariciana, a questão da alteridade, e, ainda nos lembra o processo de colonização que marca a origem da nossa história enquanto nação, então baseado nesse pressuposto discorreremos sobre a alteridade, a colonização e a psicanálise.

2 ALTERIDADE, COLONIZAÇÃO E PSICANÁLISE

2.1 Alteridade: Algumas contribuições importantes

Com o advento da globalização, a sociedade passou a conviver com uma vasta diversidade cultural e a conhecer novas culturas, todavia nem sempre essa convivência ocorreu de forma pacífica e tolerante entre os sujeitos de culturas distintas.

Esse sentimento de aversão ao Outro influenciou, significativamente, para que diversas áreas do conhecimento, que tem o sujeito ou as relações do Mesmo como objeto de estudo, refletisse e propagasse a concepção da alteridade e sua importância para a convivência “harmônica” da sociedade.

A alteridade, conforme a enciclopédia Larrousse Cultural (1998, p. 220), significa “Estado, qualidade daquilo que é outro, distinto (antônimo de identidade)”. Logo, segundo Molar (2012, p. 37), “a noção de alteridade possui uma perspectiva plural e híbrida, que não se enquadra em esquemas explicativos generalizantes, encadeados de modo inflexível”, mas é passível de envolvimento e interação, sejam eles culturais ou intelectuais.

Então, partindo desse pressuposto, à medida que se reflete sobre alteridade identificamos que há diversos vieses sobre seu significado. Na Psicologia, por exemplo, alteridade significa “relações com outrem” (Enciclopédia Larrousse Cultural, 1998, p. 220), destacando-se a relação de sociabilidade e diferença entre o indivíduo em conjunto e a unidade, ambos são dependentes, pois para constituir a individualidade é necessário o coletivo. Para uma melhor explicação, o “eu” existe a partir do outro, o que permite uma compreensão do mundo, através de um olhar diferenciado que parte tanto do diferente quanto do próprio “eu”, sensibilizado pela experiência do contato.

Na Filosofia, conforme o *Dicionário de Filosofia de Abbagnano* (2007, p. 35), alteridade significa: “Ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro”, e sobre essa dimensão, na qual o outro se constitui, Durante (2012, p. 57) vem nos apresentar a concepção do filósofo Emmanuel Lévinas, que atribui à

tematização do rosto percebido como abertura situa [e] a relação enquanto disponibilidade face ao evento do encontro. O rosto é investido de uma significação, cuja interpretação é talvez a chance que se oferece ao si de encontrar em diálogo com o outro.

Dessa forma, Lévinas (2009, p. 51) relaciona a noção de alteridade ao conceito de “Rosto”, muito importante em sua Filosofia, porque

O Outro que se manifesta no Rosto perpassa, de alguma forma, sua própria essência plástica, como um ser que abrisse a janela onde sua figura, no entanto já se desenhava. Sua presença consiste em se despir da forma que, entretimes, já a manifestava. Sua manifestação é um excedente (*surplus*) sobre a paralisia inevitável da manifestação. É precisamente isto que nós descrevemos pela fórmula: o Rosto fala.

Nesse caso, segundo Durante (2012), o rosto representa a relação em face ao outro como uma alteridade específica do ser e como o “ser-para-outrem”, e conseqüentemente como uma relação de “Um-Para-Outro”. A filosofia da existência tem, para ele, como pedra angular um tipo de ética do olhar do rosto do outro.

Por não ser nossa pretensão esgotar a concepção que cada pensamento apresentado traz sobre alteridade, passaremos agora para a noção de alteridade que a antropologia apresenta. Sobre o assunto, Durante (2012, p. 58) comenta que

Desde que a alteridade se torna objeto de estudo, ela é reificada e assim encerra a diferença. O que a etnologia, a etnografia e a antropologia estudam, em última instância, são as diversas metodologias podendo servir de base a um tipo de cartografia de alteridade. Isso quer dizer que as lógicas de auscultação (e até da autópsia) colocadas por essas disciplinas a fim de classificar, ordenar, explicar e arquivar a alteridade são bastante esclarecedoras sobre as estratégias de representação do outro no Ocidente.

Nesse caso, a Antropologia é a ciência da alteridade, porque tem como objetivo o estudo do Homem na sua plenitude e dos fenômenos que o envolvem. Com um objeto de estudo tão vasto e complexo, é imperativo poder estudar as diferenças entre várias culturas e etnias, principalmente as ocidentais.

Diante de tais questionamentos, faremos um breve percurso sobre as contribuições apresentadas por Tzvetan Todorov relacionadas à alteridade, no livro “*A conquista das Américas - a questão do outro*”, dando relevância a esse olhar, fundante da alteridade na modernidade, pois que se ajusta a uma apreciação mais relevante do conto “A menor mulher do mundo”, porque apresenta em sua narrativa uma viagem de expedição antropológica que envolve o continente europeu e africano e as relações entre colonizador e colonizado.

2.2 Alteridade no processo de colonização

A interação entre os seres humanos vem de longa data, e as sociedades do mundo estão em processo de “Globalização” desde o início da História, acelerado pela época dos “Descobrimentos” e exploração das terras situadas fora do imaginário europeu.

Durante os séculos XV e XVI, os europeus realizaram viagens importantes em suas explorações de terras distintas, incluindo a iniciação da travessia transatlântica para o “Novo mundo” das “Américas”. A partir desse marco, o movimento global de pessoas, de bens, de ideias, e de culturas expandiu significativamente nos séculos seguintes.

Tal movimento foi estudado e evidenciado por Tzvetan Todorov, no livro *A conquista das Américas - a questão do outro* (2003, p. 03-4). Nesse livro, Todorov inicia o primeiro capítulo, intitulado “A descoberta da América”, relatando que quer

falar da descoberta que o *eu* faz do *outro* (...). Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro.

Todorov evidencia a alteridade, contextualizando a conquista e a exploração da América, após o primeiro centenário da primeira viagem de Colombo, que se refere basicamente ao século XVI.

O ano de publicação dessa obra, 1982, representa uma época em que o tema da colonização e da percepção do “Outro” estava em extrema relevância no contexto geopolítico e socioeconômico, uma vez que a próspera comunidade europeia estava em construção, e havia um abismo que separava o “Primeiro” do “Terceiro Mundo”, este último representado pelos latino-americanos e pelas nações africanas.

Todorov (2003, p. 5) ressalva que o encontro entre os espanhóis e as populações indígenas mesoamericanas foi destacado em sua obra, pois se deu num contexto de surpresa absoluta, estranheza completa, pois os espanhóis nada sabiam sobre os índios, enquanto

Na ‘descoberta’ dos outros continentes e dos outros homens não existe realmente sentimento radical de estranheza. Os europeus nunca ignoraram totalmente a existência da África, ou da Índia, ou da China, sua lembrança esteve sempre presente desde as origens.

Em linhas gerais, segundo Todorov (2003), Colombo apresenta comportamento ambíguo em relação aos nativos: ora declara que os índios são pessoas extremamente

bondosas e dóceis, no que antecipa o Renascimento de Rousseau, de certo modo, a ideia do bom selvagem que ressurgirá no século XIX, e ora os xinga de “cães imundos”, porque não entende suas práticas culturais distintas, e não admite que prefiram seus cultos religiosos ao cristianismo, constituindo-se, assim, em potenciais escravos. É o que podemos constatar na fala de Todorov (2003, p. 48-49) que ressalta o discurso de Colombo

Fisicamente nus, os índios também são, na opinião de Colombo, desprovidos de qualquer propriedade cultural: caracterizam-se, de certo modo, pela ausência de costumes, ritos e religião (o que tem uma certa lógica, já que, para um homem como Colombo, os seres humanos passam a vestir-se após a expulsão do paraíso, e esta situa-se na origem de sua identidade cultural). Além disso, Colombo tem, como vimos, o hábito de ver as coisas segundo sua conveniência, mas é significativo que ele seja assim levado à imagem da nudez espiritual. “Pareceu-me que eram gente muito desprovida de tudo”, escreve no primeiro encontro, e ainda: “Pareceu-me que não pertenciam a nenhuma seita” (11.10.1492). “Estas gentes são muito pacíficas e medrosas, nuas como já disse, sem armas e sem leis (4.11.1492).

Após esse breve percurso sobre a descoberta do Novo pelos espanhóis, percebemos que o que predomina em Colombo é a ideia do homogêneo que, de certa forma, é coerente para aquela época. Todavia, o que destacaremos nesse trabalho, é o comportamento que os sujeitos imersos em uma sociedade contemporânea ainda apresentam. E percebemos que esse comportamento de repulsa à diferença, só se fortaleceu com o passar dos anos. Vivemos atualmente, em um contexto totalmente diferente do período das grandes navegações, porém o que não se difere daquela época é o sentimento de aversão que as pessoas sentem ao se depararem com algo que contradiz com aquilo que se denomina “normal”.

Por isso, evidenciamos a alteridade, que segundo Molar (2012, p. 38), a noção de alteridade “deu-se pelas próprias imposições da ordem capitalista, sendo sua necessidade sentida cotidianamente nas relações socioculturais devido às fortes tensões entre os grupos étnicos, sexuais e assim por diante”. No geral, a necessidade da alteridade nas relações sociais é crucial, pois um dos princípios fundamentais da alteridade é que o homem na sua vertente social tenha uma relação de respeito com o outro.

Por essa razão, para a alteridade o “eu” na sua forma individual só pode existir através de um contato com o “outro”, e uma cultura não deverá apresentar como objetivo a extinção da outra, isso porque a alteridade parte do pressuposto de que um indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no diálogo e na valorização das diferenças existentes.

2.3 Freud e a Alteridade

De acordo com Durante (2012, p. 51), algumas áreas do conhecimento são de “verdadeiros profissionais” da alteridade “a psicanálise, por exemplo, é uma das profissões que “fazem da relação com o outro seu objeto principal”. Dessa forma, faremos dessa corrente de estudo nossa principal base teórica e, para tal, discorreremos a seguir sobre sua concepção sobre a Outridade.

A concepção de alteridade será apresentada, inicialmente, pelos estudos do fundador da Psicanálise, Sigmund Freud, uma vez que não pretendemos aprofundar os diversos discursos psicanalíticos sobre o “Outro” desenvolvidos em paradigmas clínicos distintos, pois conforme Matteo (2003, p. 250), todos “os dissidentes que se tornaram adversários, os discípulos que se tornaram dissidentes, os psicanalistas que se tornaram criadores” percorreram a estrada mestra aberta por Freud.

Da mesma forma, Freud também percorreu um caminho para analisar a Psicanálise numa vertente histórico-cultural, conectando sua teoria psicanalítica com os estudos de Copérnico, Darwin e o positivismo científico, situando a “revolução psicanalítica” no campo das ciências da natureza.

A revolução psicanalítica é descrita por Freud em *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise* (1917). Nesse texto, é retratado o narcisismo universal dos homens e os três golpes proferidos pelas pesquisas científicas que correspondem ao golpe cosmológico, biológico e psicológico.

Esses “golpes” abalaram conceitos que prevaleceram por muito tempo. O golpe cosmológico consiste na ideia de que a terra é muito menor que o sol e move-se ao redor deste corpo celeste, dessa forma, Copérnico feriu o amor próprio da humanidade que acreditava que a terra era o centro do universo.

Antes do golpe biológico, o homem desconsiderava qualquer comunicação com o reino animal. Porém, no totemismo primitivo o homem atribui sua ascendência a um ancestral animal, e nos mitos, que contém resíduos dessa antiga atitude mental, os deuses assumem formas de animais. Na arte da época primeva, por sua vez são representados com cabeças de animais. No entanto, Darwin com suas pesquisas afirma que o homem não é um ser diferente dos animais, e a concepção do totemismo primitivo é enfatizada por Freud (2013, p. 8)

o sistema do totemismo. Suas tribos dividem-se em clãs ou estirpes menores, cada qual nomeado segundo seu *totem*. Mas o que é o totem? Via de regra é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma planta ou força da natureza (chuva, água), que tem uma relação com todo o clã. O totem é, em primeiro lugar, o ancestral comum do clã, mas também seu espírito protetor e auxiliar (...). O caráter do totem não é inerente a um só animal ou ser individual, mas a todos da espécie.

Tal concepção é polêmica por atribuir ao animal uma posição de destaque na mitologia, pois o totemismo, segundo Freud, atribui ao selvagem a condição de governante.

O terceiro golpe se refere ao psicológico e é o que mais fere o Narcisismo humano, pois Freud apresenta a ideia de que a consciência é a menor parte e a mais fraca de nossa vida psíquica. Com essa afirmação, segundo Cunha (2010, p. 21), “o pai da Psicanálise abalou a concepção que os seres humanos traziam há séculos: a ideia de que eram seres conscientes e racionais, em excelência”.

Sobre o assunto, na obra *Cinco ensaios sobre a Psicanálise* (FREUD apud CHAUÍ, 2000, p. 83) afirma:

A psicanálise propõe mostrar que o EU não é o senhor na sua própria casa, no restante da vida psíquica (...) A divisão do psíquico num psíquico consciente e inconsciente constitui a premissa fundamental da psicanálise, sem a qual ela seria incapaz de compreender os processos patológicos, tão frequentes quanto graves, da vida psíquica e fazê-los entrar no quadro da ciência (...) a Psicanálise se recusa a considerar a consciência como constituindo a essência da vida psíquica, mas nela vê apenas uma qualidade desta, podendo coexistir com outras qualidades e até mesmo faltar.

Dessa forma, segundo Souza (2007, p. 133) consciente e inconsciente compõem a psique do sujeito psicanalítico e promovem um embate entre forças distintas dentro de um mesmo sujeito, inaugurando uma perspectiva diferente e menos radical quanto à oposição entre o eu e o outro, pois ao afirmar que ideias súbitas e impulsos involuntários como hóspedes alienígenas que mostraram não ser o ego o legítimo dono de sua própria casa, Freud (1917/1979) acabaria também por tornar mais claro o estatuto do estrangeiro como parte considerável do psiquismo.

Ainda sobre esse assunto, Matteo (2003, p. 253) afirma que

A ideia fundamental que perpassa as três revoluções configuradas pelo descentramento do sujeito que aponta para uma alteridade que fere o narcisismo da consciência (...). A psicanálise só reitera a última ancoragem da pretensão humana de sua superioridade ao relembrar-

lhe que o eu não é autônomo, não é o centro nem mesmo do microcosmo psíquico.

Essa concepção, como já comentamos, vai de encontro a muitos discursos, inclusive o religioso que via “o homem como um ser de exceção”. Além disso, Freud (apud MATTEO, 2003, p. 253) denuncia a autocompreensão narcísica, pois ao afirmar que o “ego não é o senhor em sua própria casa”, remete a duas descobertas da psicanálise, percebendo que “a sexualidade ou a vida de nossas pulsões não é inteiramente domável e a de que os processos mentais são em si, fundamentalmente inconscientes”.

Enfim, Matteo comenta que a questão da alteridade para Freud percorre a estrutura e o funcionamento de um aparelho psíquico ou da alma habitado por uma alteridade básica que afetará a alteridade intersubjetiva e a alteridade da cultura em geral. Dessa forma, “a relação do homem com o outro corporal, o mundo intersubjetivo, o dos objetos da Natureza, o dos produtos culturais e da cultura em si mesma, é perpassada por uma determinação inconsciente”.

Diante disso, a alteridade é antes de qualquer coisa o encontro do Eu com o Outro eu que habita nele mesmo, e é a maneira intersubjetiva como é conduzido esse encontro que refletirá na forma como o Eu irá conviver com o Outro no campo externo e cultural. Percebemos que a relação de estranheza/familiaridade dependerá de fatores internos promovidos por uma concepção introspectiva dos valores, da vida, do respeito com o próximo.

Essa concepção psicanalítica não se difere da realidade vivida pelas personagens do conto em estudo de Clarice Lispector, pois o comportamento das personagens denotam a forma como elas convivem com o estrangeiro interno, os sentimentos de angústia, de frustração, de solidão, de desrespeito são características marcantes de cada uma delas, porém cada um sente com a individualidade e a peculiaridade que lhe habita o sujeito.

2.4 Teorizando o estranho-familiar em Freud

Para realizarmos um estudo sobre o conceito de estranho-familiar tomaremos como referencial teórico o artigo de Sigmund Freud intitulado *Das Unheimliche* - “O estranho”, publicado em 1919. Nesse artigo, Freud define, exemplifica e discute questões relacionadas ao conceito de estranho.

O psicanalista após um extenso percurso etimológico das palavras *heimlich* (pertencente à casa, não estranho, conhecido, familiar, doméstico) e de seu oposto *unheimlich* (misterioso, sobrenatural, que desperta horrível temor), examina cada nuance desses termos alemães e “toma isto como uma confirmação, inscrita na própria língua, da hipótese psicanalítica”, que relaciona o estranho com o familiar. (SACEANU, 2001, p.18)

Com a análise desses termos, é-nos apresentado um encontro de ambivalência entre eles, uma vez que a palavra *heimlich* apresenta dois conjuntos de ideias que, embora não sejam contraditórios, são muito diferentes, *'heimlich'*: “por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista. *'Unheimlich'* é habitualmente usado, apenas como contrário do primeiro significado de *'heimlich'*, e não do segundo.” (FREUD, 1919/1996, p. 03).

O psicanalista relata que o tema do ‘estranho’ está relacionado com algo que assusta, amedronta e horroriza, e o próprio termo não apresenta um sentido nitidamente definível, o que o leva a coincidir com diversas situações, objetos ou pessoas que ‘despertam o medo em geral’.

Contudo, Freud (1919/1996, p. 276) espera

que esteja presente um núcleo especial de sensibilidade que justificou o uso do termo conceitual peculiar. Fica-se curioso para saber que núcleo comum é esse que nos permite distinguir como ‘estranhas’ determinadas coisas que estão dentro do campo do que é amedrontador.

Com o intuito de delimitar qual a especificidade do estranho, Freud afirma que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar”, dessa forma, o estranho pode estar intimamente ligado com algo que é familiar quando reduzido ao imaginário do mesmo.

Nesse caso, já que *heimlich* é um termo que comporta tanto o sentido familiar quanto o de estranho, percebemos que as formulações freudianas são fiéis à constatação semântica e à clínica psicanalítica, representando um recurso importantíssimo para apreensão do *Unheimlich*. Contudo, a apreensão deste tema não poderia pretender-se completa, pois perderíamos a riqueza encontrada na possibilidade de deslizamento semântico que o *Unheimlich* nos oferece.

Tal deslizamento é abordado como algo que configura o “inapreensível”, o indizível, e, por isso, a literatura é considerada um recurso fundamental para o estudo do estranho, pois a ficção dispõe de mais recursos para a criação de efeitos de estranheza, alheios ao teste de

realidade, demonstrando com maior qualidade a experiência do *Unheimlich*, que é algo tão fugidio e instável. Assim, Freud (1919/1996, p. 310) afirma que "O estranho, tal como é descrito na literatura [...] merece na verdade uma exposição em separado. Acima de tudo, é um ramo muito mais fértil do que o estranho na vida real [...]".

Freud (1919/1996, p. 284) traduz uma atmosfera estranho-familiar ao referir-se a inúmeros textos literários, entre eles o conhecido conto de Hoffmann, "O homem da Areia" (*Der Sandmann*), pois o considera "um escritor que, mais do que qualquer outro, teve êxito na criação de efeitos estranhos". Esse conto tem a pretensão de fazer com o que o leitor se sinta dentro do próprio delírio do personagem, sem conseguir mais distinguir o imaginário impulsionado pelo delírio da personagem do referente recalcado pela narração.

A ideia de que o 'estranho' relaciona-se tanto à psicanálise quanto à literatura, confirma-se também na obra de Clarice Lispector, aqui já citada, "A menor mulher do mundo". Essa obra surpreende pela densidade que carrega. Principalmente, por Pequena Flor despertar nas personagens o sentimento de repulsa e aflição, não apenas por ser portadora de uma imagem incomum, mas, sim, por representar um estereótipo que é desprovido de beleza, do sublime e do atraente.

Nesse caso, a relação que há entre o sentimento de repulsa das personagens do conto e o questionamento que Freud faz sobre o estranho se dá, quando o psicanalista conclui que nem tudo que é novo assusta, mas é necessário que se tenha algo acrescentado ao fator "novidade" para que o novo passe a ser amedrontador, a exemplo disso Freud se refere "... ao animismo, a magia e a bruxaria".

Em Pequena Flor, o fator novidade corresponde ao animismo, por ser "uma mulher de quarenta e cinco centímetros, madura, negra e calada. "Escura como um macaco" (LISPECTOR, 1998, p. 68). De fato, é a peculiaridade da pigmeia que motiva o explorador a compará-la a um animal algo que necessita ser rejeitado, mantido fora no Outro, no campo do estrangeirismo.

Mas, Pequena Flor não é animal, porém o colonizador europeu se apropria da "sua lei superior" e impõem à pigmeia a condição de inferiorização animalesca. Para tal, comportamento destacamos o conceito de heteronomia, que conforme o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, significa "Subordinação sujeição à vontade de outrem ou a uma lei exterior" (BRASIL, 1975, p. 913). Nesse caso, a visão heteronômica se configura por rebaixar e submeter o Outro à condição de "macaco".

3. ALTERIDADE EM “A MENOR MULHER DO MUNDO”

No conto “A menor mulher do mundo”, deparamo-nos com uma narrativa que nos parece, inicialmente, um relato de expedição antropológica e de natureza etnológica, e isso se confirma na medida em que o explorador francês Marcel Pretre visita a África Equatorial. “Nas profundezas da África Equatorial o explorador francês Marcel Pretre, caçador e homem do mundo, topou com uma tribo de pigmeus surpreendente”. (LISPECTOR, 1998, p. 68). Após ter conhecimento dessa surpreendente tribo de pigmeus, o explorador francês obteve a informação de que povo ainda menor existia em terras mais distantes, então Pretre prosseguiu sua viagem percorrendo a floresta em busca do desconhecido, do inexplorado.

Entre mosquitos e árvores mornas de umidade, entre as folhas ricas de verde mais preguiçoso, Marcel Pretre defrontou-se com uma mulher de quarenta e cinco centímetros, madura, negra e calada (LISPECTOR, 1998, p. 68).

Esse primeiro contato simbólico, no entanto, entre “colonizador” e “colonizado”, é marcado pelo sentimento de surpresa e de estranhamento, pois, durante séculos, no imaginário europeu, a África representou um espaço geográfico de posição periférica, marcado pelo selvagem, dotado de força física e virilidade; pelo exótico e pelo silêncio em relação aos colonizadores. Nesse sentido, além desses aspectos, a peculiaridade da pigmeia surpreende Pretre por seu caráter animalesco, “humano/bicho” e esquisito.

Então, o fato de ser o “menor dos menores dos pigmeus do mundo” faz com que o explorador pressinta que tamanha distinção está “obedecendo talvez à necessidade que às vezes a natureza tem de exceder a si própria” (LISPECTOR, 1998, p. 68). Para essa realidade que excede a natureza Magalhães (1997, p. 117) comenta que

Tal percepção vai revelar o motor de uma angústia que norteia o texto, no confronto do “natural” com o “não-natural” (do que não se quer visto como cultural), do *familiar e do estranho*, entre o *Mesmo e o Outro*. A ideia da exceção à regra na natureza indica o dogma da crença em leis rígidas e imutáveis de classificação ditadas pela própria ordem natural e indica uma naturalização do cultural que tem um viés ideológico.

Dessa forma, percebemos que o confronto entre “natural” (representado pelo padrão europeu) e “não-natural” (representado pelo padrão não europeu) se estabelece nas diferenças

de tamanho, de raça, de cultura e de localização geográfica da pigmeia e sua presença será capaz de perturbar momentaneamente o experiente homem do mundo. Como podemos observar na seguinte passagem da narrativa:

Por um instante, no zumbido do calor, foi como se o francês tivesse inesperadamente chegado à conclusão última. Na certa, apenas por não ser louco, é que sua alma não se desvairou nem perdeu os limites (LISPECTOR, 1998, p. 69).

Nesse momento, o homem ocidental e “civilizado”, dotado das influências da ordem natural, sente-se desconcertado diante da magia daquela imagem, e isso o angustia e imediatamente o superego² se apresenta: “Sentindo necessidade imediata de ordem, e de dar nome ao que existe, apelidou-a de Pequena Flor. E, para conseguir classificá-la entre as realidades reconhecíveis, logo passou a colher dados a seu respeito” (LISPECTOR, 1998, p. 69).

O fato de nomear enfatiza a figura de criador, de “pai”, pois quem nomeia possui. Nomear implica, pois, por um lado, uma imposição do discurso e, por outro uma classificação, na medida em que o explorador transforma simbolicamente o “outro” em seu objeto de estudo, como pode ser observado em Magalhães (1997, p. 116):

parte para nomear o “que existe”, tentando situar o diferente dentro de seus parâmetros. E a classificação que lhe é dada, pode-se dizer, é classificação botânica – “Pequena flor”. Logo após batizar sua “descoberta” o explorador põe-se a colher dados a seu respeito.

A natureza indecifrável de Pequena Flor se traduz numa concepção distinta do outro, e se situa na narrativa como o “diferente” dos parâmetros culturais a que Pretre pertence. Dessa forma, o explorador a concebe como seu objeto de estudo, comparando-a a um vegetal. Nessa perspectiva, o pensamento de Todorov (2003, p. 03-04) é fundamental, na medida em que o autor da obra *A conquista das Américas – A Questão do Outro* afirma

Somente o meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o outro, outro ou outrem em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os

² O seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p.497)

pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, **tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie.**

Tomando como referência a voz narradora ao se referir à Pequena Flor, constatamos que o narrador, nesse momento, assim como Pretre, mantém a pigmeia no campo do estrangeirismo, do não-familiar e chega até mesmo a “hesitar” em reconhecê-la pertencente à mesma espécie, e, conseqüentemente, demonstra-se incapaz de valorizar as características peculiares do Outro.

O segundo momento do conto se expande, abolindo fronteiras e surge num espaço citadino, que corresponde ao espaço interno, os lares familiares. A narrativa transita de um lugar a outro como se o narrador não encontrasse barreiras geográficas, e pudesse ir e vir livremente: do coração da África diretamente para o lar dos primeiros leitores, de um lar para outro a imagem de Pequena Flor chega às casas dos leitores cariocas, fluminenses.

A mídia jornalística divulga uma foto da pigmeia em tamanho natural no jornal de domingo. Dessa forma, Pequena Flor é apresentada ao mundo “civilizado” como a menor mulher do mundo, “enrolada num pano, com a barriga em estado adiantado. O nariz chato, a cara preta, os olhos fundos, os pés espalmados. Parecia um cachorro” (LISPECTOR, 1998, p. 70). A imagem de Pequena Flor despertou nas famílias que folheavam o jornal aversão e curiosidade sobre o inusitado, o estranho e, conseqüentemente, o Outro, assim como, despertou também sentimentos de angústia e de aflição, e o desejo de possuir e de proteger aquela pigmeia, ser humano “em miniatura”.

O mundo ocidental “repcionou”, via mídia, a imagem da pigmeia que ao penetrar nos lares fez com que as famílias revelassem em seu discurso traços de um comportamento preconceituoso e egoísta.

Num dia de domingo na primeira casa em que foi vista, Pequena Flor causou aflição, logo a mulher se recusou olhá-la “uma mulher, ao olhar o jornal aberto o retrato de Pequena Flor, não quis olhar uma segunda vez “porque me dá aflição” (LISPECTOR, 1998 p. 70). A negação, nesse caso, retrata a aflição e o estranhamento que pode ser interpretado como o *unheimlich* freudiano, pois o “confronto” da mulher com seu duplo, a pigmeia, aparece conforme Gebra (2009, p. 25)

Como sombra no espelho, como rosto que não é perfeitamente identificável, provocando a sensação de algo não familiar ao sujeito embora contenha conteúdo latente relacionado a algo familiar, sobretudo o recalque de sensações desagradáveis. Trata-se do duplo aspecto das experiências psíquicas, resultante da divisão entre o ego e o que é inconsciente e reprimido (FREUD, 1989, p. 253). Nesse caso, ao invés de se deparar com algum elemento do mundo exterior, a personagem começa a se dar conta de conteúdos recalcados no seu aparelho psíquico. Freud postula que há em nós conteúdos latentes que fazem parte de experiências traumáticas da infância e que permanecem por muito tempo recalcados, porém, em dado momento, emergem à superfície, causando sensação de estranheza ao indivíduo.

Sendo assim, percebemos que é possível afirmar que o comportamento da mulher em sua essência, transparece que esses conteúdos já estavam inconscientemente presentes em si, e o encontro com o que estava oculto, fora da vista despertou na personagem uma sensação de “terror” e “horror”.

Em outro lar, uma senhora sentiu “perversa ternura” que não seria seguro deixar Pequena Flor sob seus cuidados, pois “Quem sabe a que escuridão de amor pode chegar o carinho. A senhora passou um dia perturbada, dir-se-ia tomada pela saudade. Aliás, era primavera, uma bondade perigosa estava no ar.” (LISPECTOR, 1998, p. 70). Percebemos o lugar da solidão, que obriga o outro a uma servidão caridosa e perversa. Isto é comprovado no texto de Magalhães (1997, p. 123), segundo o qual o lado escuro do amor vai ser visto através do olhar do Outro, que, por sua vez, desvela pouco a pouco a porção de crueldade camuflada pela civilização, a tensão ambivalente entre carinho e a agressividade.

Desse modo, pela terceira vez, o tema do amor tirano é apresentado pelo narrador, pois este relata, em um apartamento, que uma criança de cinco anos ao perceber que a imagem da pigmeia lhe tirava a condição de menor dos seres entre seus familiares, reflete, então, sobre a desvantagem que ambas possuem por serem pequenas, e o quanto estão submissas às carícias e à tirania do amor de seus familiares.

A narrativa prossegue, e no lar que recebe Pequena Flor outros sentimentos são enfatizados, haja vista que a moça noiva sente piedade pelo aspecto de tristeza da pigmeia

na sagração da primavera, a moça noiva teve um êxtase de piedade: - Mamãe, olhe o retratinho dela, coitadinha! Olhe só como ela é tristinha!- Mas – disse a mãe, dura e derrotada e orgulhosa – mas é tristeza de bicho, não é tristeza humana. (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Nesse fragmento, Lispector destaca na fala da moça noiva a ilusão da felicidade na sagração da primavera concedida pelo matrimônio, enquanto isso sua mãe “dura e derrotada”

demonstra, implicitamente, não apresentar mais a ilusão de encontrar no casamento a plenitude da felicidade.

Mais tarde, o menino esperto imaginou como seria interessante assustar o irmão, fazendo da pigmeia um brinquedo para causar terror

– Mamãe, e se eu botasse essa mulherzinha africana na cama de Paulinho enquanto ele está dormindo? Quando ele acordasse, que susto, hein! Que berro, vendo ela sentada na cama! E a gente então brincava tanto com ela! A gente fazia ela o brinquedo da gente, hein!(LISPECTOR, 1998, p. 71).

Nesse instante, a mãe que estava enrolando os cabelos em frente ao espelho do banheiro, lembra-se de uma história que uma cozinheira lhe contou que no tempo de orfanato as crianças sem terem bonecas para brincar, esconderam da freira a morte de uma das garotas para brincarem com a menina, colocá-la de castigo e depois consolá-la. Após essa recordação, o sentimento demonstrado pela mãe a respeito do menino é de estranhamento “teve terror da sua própria alma” por ter gerado um ser com tamanha crueldade, e dotada de um comportamento de mãe “civilizada” acredita que a maneira de conduzir o filho pelo caminho da integridade é realizando uma assepsia física, e para isso pensa:

Vou comprar um terno novo para ele", resolveu olhando-o absorta. Obstinadamente enfeitava o filho desdentado com roupas finas, obstinadamente queria-o bem limpo, como se limpeza desse ênfase a uma superficialidade tranquilizadora, obstinadamente aperfeiçoando o lado cortês da beleza. Obstinadamente afastando-se, e afastando-o, de alguma coisa que devia ser "escura como um macaco (LISPECTOR, 1998, p. 74).

A aparência desprovida de beleza da pigmeia faz com que a mãe do menino relacione suas características físicas à falta de conduta, e não reconhece que o outro é o diferente que nos devolve a nós mesmos. Em seguida, a mãe assume o novo modo de vida da sociedade moderna, que, por sua vez, esforça-se para mantê-lo esquecido, cultivando a beleza como padrão de princípio moral.

E, por último, a sexta família atribuiu à Pequena Flor a função de servi-los com atividades domésticas. Esse momento do conto é o que contém mais diálogos e percebemos que há um processo de ampliação nas cenas e na composição familiar, cuja cena posterior é sempre mais desenvolvida que a anterior.

Na sexta cena, o cenário social da família é mais completo, e a célula familiar contém pai, mãe e filha mais velha

No coração de cada membro da família nasceu, nostálgico, o desejo de ter para si aquela coisa miúda e indomável, aquela coisa salva de ser comida, aquela fonte permanente de caridade. A alma ávida da família queria devotar-se. E, mesmo, quem já não desejou possuir um ser humano só para si? O que, é verdade, nem sempre seria cômodo, há horas em que não se quer ter sentimentos: — Aposto que se ela morasse aqui terminava em briga — disse o pai sentado na poltrona, virando definitivamente a página do jornal. — Nesta casa tudo termina em briga. — Você, José, sempre pessimista — disse a mãe. — A senhora já pensou, mamãe, de que tamanho será o nenezinho dela? — disse ardente a filha mais velha de treze anos. O pai mexeu-se atrás do jornal. — Deve ser o bebê preto menor do mundo — respondeu a mãe, derretendo-se de gosto. — Imagine só ela servindo a mesa aqui de casa! E de barriguinha grande! — Chega de conversas! — disse o pai. — Você há de convir — disse a mãe inesperadamente ofendida — que se trata de uma coisa rara. Você é que é insensível (LISPECTOR, 1998, p. 72-3).

O intenso desejo de possuir o Outro é um aspecto relevante em algumas cenas. Contudo, tal desejo vem fortemente carregado de conotações sociais na última cena, por exemplo, quando alguns membros da família desejam que a africana seja trazida, grávida, para servi-los à mesa, de modo que essa redução do Outro a uma atividade subserviente nos lembra o regime escravocrata, que explorava o trabalho de negros trazidos da África sem o pagamento devido pelo esforço empreendido.

Logo, a narrativa lispectoriana ao mesmo tempo em que flagra pessoas em família, curiosas pela notícia, deixa-nos perceber como a família moderna e “civilizada” é constituída por aglomerados de pessoas consanguíneas, porém, estranhas entre si, mas que estão aptas a se interessar por algo que lhes pareçam mais facilmente distante, exótico, diferente, conferindo-lhe, por isso, o laço de parentesco. Além disso, (SIQUEIRA, 2010 p. 32) acrescenta-se a esse raciocínio

Podemos pensar que está em jogo, na narrativa, o comportamento do homem moderno que, por meio do olhar e da palavra, abarca o outro, tentado enquadrá-lo à sua própria visão de mundo, utilizando os signos que lhes são reconhecíveis para identificá-lo, realçando, por outro lado, a distância que, aparentemente, os separam. O outro exótico é o objeto raro que serve de objeto de estudo para a ciência, objeto de interesse para a arte, objeto de curiosidade para a sociedade.

O desejo de ora conhecer ora possuir Pequena Flor é contundente em toda obra. Como vimos, o narrador evidencia o comportamento medíocre das famílias que segundo Freud(2011, p. 60), é a “célula germinal da civilização”, sendo elo pelo no qual “sempre é

possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras pessoas para que se exteriorize a agressividade”.

Nesse momento, de volta ao continente africano, o desconcerto do cientista diante da espontaneidade de Pequena Flor é evidenciado pelo narrador que abandona o ponto de vista científico e apresenta-nos o riso de Pequena Flor, que acontece no momento em que

Metodicamente o explorador examinou com o olhar a barriguinha do menor ser humano maduro. Foi neste instante que o explorador, pela primeira vez desde que a conheceu, em vez de sentir curiosidade ou exaltação ou vitória ou espírito científico, o explorador sentiu mal-estar. É que a menor mulher do mundo estava rindo (LISPECTOR, 1998, p. 73).

Constatamos haver uma inversão no percurso da narrativa, pois o riso da “própria coisa rara” faz com que o explorador se sinta “constrangido”, “atrapalhado”, e, ironicamente, o primitivo desconcerta o civilizado, assim como o faz quando “coçou-se onde uma pessoa não se coça (...) – o explorador desviou os olhos” (LISPECTOR, 1998, p. 70). É perceptível que, apesar de Pequena Flor assumir uma posição de inferiorização diante do encontro de culturas e do contato com o representante ocidental, ela confere um descontrole emocional em Pretre, desconcerta seu posicionamento hierárquico de explorador do longínquo, do inóspito, e por fim, do estranho.

A personagem traduz através do riso o limite da vida que, numa perspectiva primitiva, se revela em não ser devorada “Enquanto ela não estava sendo comida, seu riso bestial era tão delicado como é delicada a alegria” (LISPECTOR, 1998, p. 74). A questão da alimentação é imprescindível à natureza humana, segundo Freud (2011, p. 62-3), “a fome e o amor sustentam a máquina do mundo”, mas para Pequena Flor a “máquina do mundo” é não ser devorada pelos Bantos e pela “civilização ocidental”.

E naquele instante, por perceber que não corria o risco de ser devorada, Pequena Flor sentiu o peito aquecido e amava sem “refinamentos cruéis”, pois na floresta “amar é não ser comido”, amar “é gostar da cor rara de um homem que não é negro” (LISPECTOR, 1998, p. 75). Esse homem, por sua vez, representa uma história de dominação e de colonização, mas naquele momento diante do riso quente de Pequena Flor

Perturbou-se como só homem de tamanho grande se perturba. Disfarçou ajeitando melhor o chapéu de explorador, (...). Foi provavelmente ao ajeitar o capacete simbólico que o explorador

chegou à ordem, recuperou com severidade a disciplina de trabalho, e recomeçou a anotar (LISPECTOR, 1998, p. 75).

Pelo exposto, há um contraponto no comportamento do civilizado que apresenta um mal-estar, e mais uma vez sente-se desconcertado e fora da ordem, fator este que surpreende a história da civilização que desde as primeiras conquistas e exploração de territórios fora do imaginário europeu, o colonizador tornou homogênea toda a diferença reduzindo, aquilo que o Outro apresenta como especificidade sociocultural, desconsiderando, assim, a noção de singularidade que lhe exige o respeito às culturas d'álhures.

Para tanto, Clarice Lispector questiona a estrutura social vigente da década de 60, através de um estilo irônico e descortinador das mentalidades constituídas pelas populações sujeitas às convenções ocidentais, conforme as prerrogativas do mundo civilizado, para mostrar que, embora, haja uma evolução tecnológica através da informação rápida e através dos meios de comunicação, a maneira de pensar do homem contemporâneo não difere daquele que aportou na América após a travessia do Atlântico empreendida por Colombo.

Partindo desse recorte histórico, percebemos que há analogia no comportamento dos colonizadores, pois Pretre também sentiu a necessidade de revelar para a sociedade civilizada sua “descoberta”, utilizando da notícia jornalística para promover o encontro desses mundos que se opõem pela estranheza de suas singularidades, assim como fez Colombo ao relatar em cartas a descoberta do inóspito, do longínquo e do estranho na época da conquista e exploração da América.

Outro aspecto semelhante entre Colombo e Pretre é o discurso, pois ambos desconsideram a representação cultural dos primitivos e se restringem à descrição física dos nativos. Para o primeiro, as “observações limitam-se, frequentemente, ao aspecto físico das pessoas: sua estatura, cor da pele (mais apreciada na medida em que é mais clara, ou seja, mais parecida)” (TODOROV, 2003, p. 48). E o segundo, se restringe como já vimos, em informar à imprensa que Pequena Flor é “uma mulher de quarenta e cinco centímetros, madura, negra e calada. “Escura como um macaco”, informaria ele à imprensa (LISPECTOR, 1998, p. 68).

O fato de limitar Pequena Flor ao campo da reificação, da anotação faz com que as certezas e o saber de Pretre se abalem diante do riso e da alteridade da pigmeia, que rompem com a expectativa do que o outro deve ser, e portanto, o *unheimlich* freudiano, o “inapreensível” que foge a todas as normas pré-estabelecidas se traduz na angústia de Pretre e nos

vários momentos difíceis consigo mesmo. Mas pelo menos ocupou-se em tomar notas e notas. Quem não tomou notas é que teve de se arranjar como pôde: - Pois olhe – declarou de repente uma velha fechando o jornal com decisão – pois olhe, eu só lhe digo uma coisa: Deus sabe o que faz (LISPECTOR, 1998, p. 75).

Com esse fragmento, o narrador conclui o conto, com a transgressão de Pequena Flor que desafia o cotidiano sufocante devido a sua postura inadequada ao que a sociedade exige dela, revelando-se na existência insuportável da diferença que embaraça o explorador, como também causa embaraço na “velha” que “fecha o jornal com decisão” e apresenta sua falta de reflexão, atribuindo, assim, ao divino ou à instituição religiosa, que a conforta e a protege, a responsabilidade de explicar a origem da diferença, do estranho, e, ao mesmo tempo, justificar a incapacidade de se colocar no lugar do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da leitura do conto *A menor mulher do mundo*, de Clarice Lispector, constatamos que esse conto constitui-se numa obra imprescindível para a compreensão da alteridade por apresentar a precariedade ética e afetiva da união familiar, a condição de solidão do homem na sociedade e a identificação do Outro como experiência da alteridade que, ironicamente, baseia-se não na assimilação do diferente, mas na exclusão do outro.

Durante a narrativa, percebemos que o narrador destaca a perplexidade com que Pretre e cada família apresentam ao se depararem com o Outro, representado no conto por Pequena Flor, causando-lhes certo desconforto e estranhamento, trazendo à tona uma crítica sobre o comportamento da sociedade burguesa que inferioriza e exclui o ser humano desprovido de status e distante dos parâmetros estéticos, socioculturais e econômicos estabelecidos pela sociedade, alcunhada de civilização, como norma.

O estranhamento é ampliado e desenvolvido em todo texto, e se dá na necessidade que as personagens têm de excluir de si o mal, a desordem marcada por uma alteridade conflitante, que inviabiliza a interação social. Nesse caso, *A menor mulher do mundo* é um signo de estranhamento por pertencer ao “estranho” e por refletir uma ótica não idealizada pelo imaginário europeu e, conseqüentemente, pelo imaginário brasileiro-fluminense que sempre se espelhou na cultura e na influência europeia.

Reconhecemos, portanto, que o conceito de alteridade e de “estranho” através da concepção freudiana se tornou oportuno para nossa discussão, concluímos também, o quanto o estudo da psicanálise nos foi de grande valia para analisarmos a obra supra. Pois, assim como este campo de estudo está voltado para a subjetivação do sujeito, Clarice Lispector também lança um olhar subjetivo ao se referir ao imaginário e ao íntimo de suas personagens.

Além disso, verificamos que *A menor mulher do mundo* é um conto que proporciona um diálogo com a obra *A Conquista da América – A Questão do Outro* (2003), na qual Todorov evidencia a questão da alteridade, contextualizando a conquista da América, após o primeiro centenário da primeira viagem de Colombo. Destacamos nesse diálogo a analogia que há entre os discursos do colonizador Colombo e do explorador Pretre, por desconsiderarem a representação cultural dos primitivos por eles encontrados.

Concluindo este trabalho, acreditamos ter esta pesquisa contribuído com os estudos sobre alteridade, sobretudo, na análise da obra de Clarice Lispector no que tange à representação do Outro, e esperamos com mais uma leitura de *A menor mulher do mundo*,

elucidar pontos importantes do estilo literário lispectoriano. Esta contribuição, contudo, não obscurece a necessidade de novos estudos que explorem outras perspectivas, estudos necessários considerando a dimensão do próprio tema, impossível de ser esgotado em um trabalho desse porte. Fica, de tudo, a sensação de incompletude que impulsiona para os intransitáveis caminhos da investigação literária e a certeza da fertilidade do campo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com as pontas dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRASIL, Editora Encyclopaedia Britannica do. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, São Paulo: Mirador Internacional, 1975.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

_____. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

_____. No começo era de fato o verbo. In: LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Ed. crít. org. por Benedito Nunes. Florianópolis: Archivos da Unesco, 1988. p.XVII-XIX.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 2000.

CUNHA, Deise Luci Silva. **Sexualidade feminina e amor em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres: visão psicanalítica de uma descoberta em Clarice Lispector**. 2010. 50f. Monografia de Conclusão de Curso – Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba.

DURANTE, Daniel Castilho. Alteridade e reflexão intercultural: seus objetivos no quadro das práticas artísticas em geral e da fala literária em particular. In: **Revista SocioPoética**. Campina Grande: EDUEP, vol. 1. nº 1, jan-jun, 2007. p.15-25.

FREUD, Sigmund. (1856-1939). **O mal-estar da civilização**. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____.(1856-1939). **Totem e Tabu**. 1ª ed. São Paulo: Peguin Classics Companhia das Letras, 2013.

_____. (1917). **Uma dificuldade no caminho da Psicanálise**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.24v, V.17, p.169-182.

_____. (1919/1996). **O estranho**. *Obras completas*, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

GEBRA, Fernando de Moraes. Profanas epifanias em contos de A via crucis do corpo, de Clarice Lispector. In: **Contra Corrente – Revista de Estudos literários**. Vol . p. 1-131, ISSN: 2178-4744.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1998). São Paulo: Nova Cultural.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LÉVINAS, Emmanuel. **O humanismo do outro homem**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LINS, Álvaro. “A experiência incompleta. Clarisse Lispector”. In: **Jornal de Crítica**. Fev. 1944.

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*, 5ªed. Rio de Janeiro, José Olimpo, 1974.

_____. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Literatura de vanguarda no Brasil**. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

MAGALHÃES, Luiz Antonio Mousinho. A menor mulher do mundo: A flor forjada. In: **Literatura e cultura: tradição e modernidade**; ensaios/ Sônia Lúcia Ramalho de Farias (org.). João Pessoa: Ideia: Editora Universtária – UFPB, 1997.

MARCHEZAN, L. G.; PINHO, M. G. M. Na literatura e na ficção: A vanguarda em Clarice Lispector. In: **Revista da Anpoll** nº36, p. 288-311, Florianópolis, Jan/Jun. 2014.

MATTEO, Vincenzo di. A polissemia da alteridade em Psicanálise. In: **Perspectiva Filosófica**. UFPB/UFPE, Vol. X. Nº. 19 – jan-jun, 2003. P. 250-60.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. “**Alteridade: uma noção em construção**”. Disponível em: http://WWW.Pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/493_215.pdf.

NUNES, Aparecida Maria. “Clarice por ela mesma”. In: **Cadernos de Literatura Brasileira: Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: IMS, 2004.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

PONTIERI, Regina Lúcia. Visões de alteridade em Clarice Lispector e Maurice Merleau – Ponty. In: **Revista USP**, São Paulo, Nº 44, p. 330-334, dez-fev.1999-2000

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. 3ªed. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades integradas Tereza D' Ávila, 2000.

SACEANU, Patrícia. **O estranho e seus destinos** / Patrícia Saceanu. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Psicologia / Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2001.

SIQUEIRA, Joelma Santana. Sentimentos em família no conto “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector. In: **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. vol.2. p. 1-66, ISSN:1678-2054.

SOUZA, Maurício Rodrigues. Psicanálise, Antropologia e Alteridade: apontamentos para um debate. In: *Psicologia em estudo*, Maringá, Vol.17, n. 1, p. 131-140, jan-mar.2012.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.